



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A ATUAL PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Kátia Farias Antero

professorakatiaantero@hotmail.com

Resumo: Nos dias atuais, o trabalho interdisciplinar tem sido aderido por muitos professores, afirmando que o conhecimento vem sendo encarado globalmente, rompendo as barreiras das disciplinas. Porém, mesmo com essa evolução na prática de ensino, ainda é comum encontrarmos professores do Ensino Fundamental II resistindo à prática de projetos por afirmarem que a mesma pertence à Educação Infantil e Ensino Fundamental I. É necessário que os professores compreendam o verdadeiro valor da palavra envolvimento. Tanto entre eles e alunos, quanto entre os próprios docentes que servem de referência para o aprendiz, que observa o profissional todo o tempo dentro e/ou fora da sala de aula. Trabalhos como este justificam sua importância a saber que o professor precisa estar todo o tempo procurando fazer leituras para fazer uma releitura de sua própria prática. Por essa causa, o objetivo dessa pesquisa é justamente promover um diálogo sobre as formas que o professor desenvolve sua prática pedagógica no ensino fundamental II de modo que os levem a fazer uma análise sobre sua docência.

Palavras - chave: Professor, Prática pedagógica, Ensino fundamental II.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Introdução

Para falarmos sobre a atual prática do professor não podemos iniciar os nossos estudos sem apontar a respeito da função deste. Antigamente, em sociedades primitivas, o nível de instrução era menor porque havia uma menor necessidade de instrução e uma menor circulação de informações.

Ao contrário dos dias atuais em que as informações se multiplicam em meio a velocidade da tecnologia e por isso há necessidade de maior instrução. Porém, não é possível pensar em cidadania sem garantia de uma educação de qualidade. Já que se educa o indivíduo com a visão de ele se emancipar, socializar, ter visão crítica e se transformar.

Na evolução do que foi o professor, nós tivemos aqueles que pertenciam a Grécia antiga que eram os pedagogos que não eram professores, que na verdade eram escravos que conduziam as crianças à educação e sua importância estava na condução dos infantes. Ainda na Grécia tivemos os sofistas que eram formados por filósofos que gostavam de discutir sobre os variados assuntos das cidades.

Com o passar do tempo surge os mestres de ofício que eram professores, mas ensinavam a seus aprendizes a realizarem tarefas práticas do dia a dia voltadas para as necessidades do comércio. No século XVI surge o professor tradicional que é um transmissor de idéias para que o aluno possa viver em sociedade e se preparar para a vida adulta e para o mercado de trabalho.

Necessitamos de um novo professor, pois existe um padrão moderno de educação que por mais que não se efetive nas escolas, continua sendo um sonho, uma idealização. Por esse modo concordamos com Larrosa e Kohan (2002) ao afirmar que não podemos transmitir aquilo que nós, professores, já sabemos, mas que é preciso transformar o que já se sabe e que essa abertura para as possibilidades de mudança nos liberta a ponto de deixarmos de lado o que aprendemos de velho para que possamos fazer coisas novas.

Hoje temos as necessidades diferentes de anos atrás. A educação atual é moderna que traz ao indivíduo a emancipação, autonomia, criticidade, qualificação, dentre outros. E esse



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

professor precisa se ajustar a essas novas necessidades e para atender a isso ele precisa ser mediador e transformador.

Assim, o docente não pode mais ser ver como centro de todas as informações. Ele não considera o conteúdo que vai ensinar como o ponto mais importante. O aluno é quem está no centro agora. Desse modo, o docente sabe que seu papel é de relacionamento e interação com o aluno. A isso tudo soma-se como ponto de reflexão para o professor: a interação de forma que possa se colocar no lugar do aluno; a alteridade, passando a ter a visão do aluno; afetividade porque as relações entre os indivíduos são influenciadas pelas emoções. É necessário gerar empatia; mediação, o professor é mediador em ter o aluno e o conhecimento e com o mundo.

A tendência da maioria das escolas no nosso país é seguir o cumprimento de um currículo de ensino baseando-se ainda no aspecto tradicional. Mas, nota-se que os alunos que chegam as escolas nos dias atuais apresentam necessidades maiores do que apenas aprender conteúdos de áreas diversas sem apreender o real significados delas e em como colocar essas aprendizagens em uma prática social.

Partindo dessa perspectiva, as escolas tendenciam a dispor de mudanças no que cerne a parte organizacional com uma gestão amplamente democrática. Nós, professores, fomos alfabetizados e acostumados a vivenciar uma prática na escola bastante tradicional, onde toda a avaliação e conhecimento se dava pelo aspecto individual (o coletivo não tinha valia). Por essa limitação, é natural que muitos desses profissionais não saibam como se posicionar no desenvolver dessa nova metodologia por isso esse trabalho se faz importante para todo aquele que queira conhecer mais sobre a prática pedagógica docente de modo a saber trabalhar com mais interatividade e interdisciplinaridade.

Metodologia

Essa pesquisa faz parte de um recorte de um trabalho de dissertação em titulado: INTERDISCIPLINARIDADE: POSSIBILIDADES DAS AÇÕES DOCENTES COM



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PROJETOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II, pertencente ao Mestrado em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade, da FACNORTE.

Esse tópico pertence ao capítulo 1, no qual aborda sobre estudos voltados para o ensino fundamental II e a prática do professor. Utilizamos como meio para tais fins de produção a leitura, pesquisa e investigação de autores que fundamentassem nossos estudos.

É natural que os professores sintam-se inseguros porque foram formados em uma concepção de ensino fragmentada e por isso acham que é um desafio grande demais para ser vencido no desempenho desse novo exercício. Foi formado sem ser estimulado a ser crítico, ouvido, estimulado a tomar decisões dar opiniões.

Não é possível que o docente inicialmente pense em interdisciplinaridade com segurança e tranquilidade porque também não tem habilidade no trabalho com projetos pedagógicos e temáticos, uma vez que trabalhar em conjunto significa deixar de lado a aprendizagem pela via única do indivíduo que passará a construir a aprendizagem no coletivo e o professor sente dificuldade em sair das limitações do conhecimento que corresponde apenas a sua área, porque o ensino tradicional o qual ele foi submetido nunca o ensinou a trabalhar coletivamente.

Nos dias atuais, é cada vez mais comum os professores realizarem trabalhos que visam alguma integração dos saberes de outras disciplinas, implicando algum tipo de trabalho de colaboração entre duas ou mais disciplinas. Como afirma Zabala (2003 p. 33):

A interdisciplinaridade é a interação de duas ou mais disciplinas. Essas interações podem implicar transferências de leis de uma disciplina para outra, originando, em alguns casos, um novo corpo disciplinar, como, por exemplo, a bioquímica e a psicolinguística. Podemos encontrar essa concepção na área de Ciências sociais e experimentais no ensino médio e na área do conhecimento do meio no ensino fundamental.

Reforçando a informação supracitada, entendemos que explorar os estudos de forma que o conhecimento seja crescente integrando várias disciplinas, transforma a educação fazendo com que haja comunicação entre os docentes sobre suas metodologias de forma que o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que está sendo estudado em sala de aula seja abrangente e ao alcance de todos suprimindo as necessidades dos sujeitos.

No entanto, alerta Ivani Fazenda:

A atitude interdisciplinar não está na junção de conteúdos, nem na junção de métodos; muito menos na junção de disciplinas, nem na criação de novos conteúdos produto dessas junções; a atitude interdisciplinar está contida nas pessoas que pensam o projeto educativo. Qualquer disciplina, e não especificamente a didática ou estágio, pode ser a articuladora de um novo fazer e de um novo pensar a formação de educador (FAZENDA, 1993. p.64).

Explorar a interdisciplinaridade requer do professor uma maior dedicação, bastante leitura, doação de tempo e todo o assunto abordado deve ser tratado com cuidado para que não pareça mais um modismo e sim um novo caminho metodológico na construção do conhecimento.

Heloisa Lück em seus escritos sempre deixou registrada a sua preocupação com a transformação do ensino e apesar de acreditar que é possível o trabalho interdisciplinar e que esse pode sim ser a solução, por não se trabalhar de forma individualista, mostra que é difícil esse processo e ressalta:

Como, então, trabalhar a interdisciplinaridade nas escolas onde professores não tomaram conhecimento do seu significado e não estão conscientes de sua importância, por estarem mais preocupados com questões comuns do cotidiano escolar? Seria impossível sua prática num contexto escolar sobretudo preocupado com questões corriqueiras, como falta de material básico escolar? (LÜCK, 1994 p. 33)

Tudo isso nos leva a refletir sobre o papel do educador na escola. Este ensinante deve mediar o conhecimento fazendo com que a aprendizagem tenha sentido para o aluno. Por isso ele deve sempre buscar novos sentidos para o que se deva fazer e juntamente com o aluno revelar as possibilidades de se construir novos conhecimentos a partir do que se faz, de uma prática.

Essa nova mudança exige mudanças tanto das disciplinas quanto de quem está a frente delas, pois busca uma nova forma para aprender e ensinar.possibilita um



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

entrelaçamento entre o senso comum e o conhecimento científico fazendo com que ambos sejam importante nesse processo no qual tanto o docente quanto o discente aprendem juntos e trocam saberes juntos. Saber o conteúdo não basta e também não basta apenas explicar. Se faz necessário ter uma dimensão humana e aplicá-la em suas ações porque quando apenas se explica se está restringindo o fazer docente a dimensão técnica. Sendo esta não suficiente para um trabalho com êxito.

Fazer com que os saberes das disciplinas ultrapassem as paredes da sala de aula e leve em consideração a vida do aluno em seu meio ambiente com seus conhecimentos de mundo e suas experiências é difícil para um professor que além de sentir dificuldades em fazer algo que nunca vivenciou, mas que também não está aberto a novas aprendizagens.

É necessário um professor que dialogue em conjunto como serão as atividades, explicar os planejamentos, os objetivos a serem alcançados, os procedimentos tomadas, para que todos possam interagir juntos nessa construção e reconstrução do saber.

Mas toda mudança precisa de um tempo. Não pode ser nada fácil para um profissional da educação transformar a teoria em uma prática e ainda ser proveitosa e prazerosa. E como essa nova visão pedagógica exige uma nova postura do professor, este passará por algumas inquietações que são de certa forma até naturais para que o docente comece a se encontrar.

É um período de auto análise onde ele deve refletir sobre a forma como faz a leitura de mundo no contexto da sala de aula; a forma como vê a individualidade dos seus alunos, se o vê individualmente com suas necessidades e anseios únicos mas com experiências diferentes.

O mundo atual exige que o professor reinvente a escola no sentido de ações educativas e para isso ele precisa se reinventar de igual modo como professor porque os alunos estão mudando e ao seu redor a sociedade o acompanha nessa mudança.

Esse se torna o grande desafio para o docente que precisa estar em sintonia com esse novo aluno, como o perfil, com o imaginário social e cultural, com tudo que permeia a vida dessa aluno, como por exemplo as tecnologias, que não temos mais a opção de conhecê-las ou não e sim devemos nos integramos a ela que é a grande lógica do século XXI.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Principalmente, professores que pertencem ao segmento do ensino fundamental II. Vejamos uma breve reflexão: os alunos do fundamental II são adolescentes e por isso seus professores enfrentam desafios diferentes de outros segmentos. Por isso cada professor desenvolve um perfil diferente. Os alunos experimentam as mesmas transformações corporais, fisiológicas, hormonais, socializam e até questões que se desenvolvem moralmente, tão como o ensino fundamental 1, o qual a tanto olhar para os alunos que estão sendo inseridos no ensino fundamental II.

É um momento de grande exigência da escola, pois essa transição exige uma multiplicidade das disciplinas, cargas horárias diferentes, solicitações diferentes, professores de áreas ou disciplinas diferentes. E os professores precisam estar atentos para a mudança corporal que os alunos estão passando que é muito forte e uma leitura de mundo que se transforma a cada dia. Por isso que fazer um bom trabalho com alunos do ensino fundamental II tem a ver com o entender essa passagem, os riscos, os desafios. E nos leva a refletir que tipo de ser humano formador precisa está próximos desses alunos.

Essas transformações do corpo implicam em transformações sociais que se descobrem nas relações com o outro e que muitas vezes a escola não leva em consideração essas transformações que fazem parte da vida do discente e que por muitas vezes o professor poderia aproveitar tais vivências para transformar suas práticas pedagógicas.

Precisamos conectar a escola – sala de aula e contexto social. A prática docente é executada no centro desses três elementos considerando que a escola possui regras, normas, seu PPP, os recursos oferecidos por ela. Considerar o contexto social refletindo, por exemplo, a vida econômica, se o aluno é especial ou não, a família, a formação do discente enquanto criança, suas experiências vividas e que ainda vive em sua comunidade.

E a sala de aula não pode mais ser um espaço. Deve ser um ambiente de troca de experiências, desafiador, de produzir diagnósticos, enfim, construindo o ambiente com as informações que são colhidas ali. Tendo natureza experimental e flexível.

Nós temos dois modelos de trabalho educativo do trabalho docente. Um deles é o ensino como trabalho material e o ensino como trabalho cognitivo. O ensino como trabalho material é aquele que apenas ensina um conteúdo da disciplina referindo apenas ao que ele



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

precisa saber para testes, por exemplo, sem a construção cognitiva e por isso é praticado de forma unilateral, onde o professor desconsidera as experiências prévias do aluno passando o conteúdo rígido e o objetivo maior desta é moldar o indivíduo para uma sociedade criando um estereótipo. A essa atitude temos como referência “[...] a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. [...]” (FREIRE, 1981, p. 66)

Já o ensino como trabalho cognitivo, que é o que a demanda exige atualmente, simplesmente não quer apenas depositar informações na cabeça do aluno. É um trabalho de desenvolvimento integral, completo que auxilia na habilidade do indivíduo no âmbito espiritual, físico, ético e moral. E para o êxito deste o professor precisa verificar a dimensão humana da educação e ainda considerar o multiculturalismo do universo em que ele está e as diversidades porque cada aluno é diferente um do outro. A essa modo, torna-se um trabalho flexível.

Há inúmeras situações e assuntos que são pertinentes para serem trabalhados juntas as disciplinas do currículo estabelecido pelo MEC. É a proposta dos PCN’s que possui uma visão de trabalhar os diversos temas transversais juntos aos conhecimentos tratados nas disciplinas, mas sem perder o foco que é pertinente a cada uma delas. Na verdade, o interessante é explorar os temas transversais em todas as áreas do conhecimento fazendo com que o mesmo assunto perpassa por todas elas sem deixar de explorar o que é importante em cada uma delas.

Questões que envolvem a vida social do aluno dentro e fora da comunidade escolar estão presentes no seu cotidiano. Por isso, levar o aluno a refletir sobre sua vida real, seu dia a dia é de mais valia na aprendizagem. Pois,

a instrução interdisciplinar aproveita-se de conexões naturais e lógicas que cruzam as áreas de conteúdos e organiza-se ao redor de perguntas, temas, problemas ou projetos, em lugar dos conteúdos restritos aos limites das disciplinas tradicionais. (Kleiman e Moraes, 1999, p.27)

Essa forma de ensino e metodologia estimula a curiosidade que é a mola mestra que leva o aluno a querer aprender respondendo aos questionamentos que surgem naturalmente no dia a dia resultando em uma aprendizagem mais significativa.



Segundo o estudioso Mário Sérgio Portela (vídeo do you tube) é preciso sair do que se é arcaico porque isso não tem mais lugar em nossos dias como “o autoritarismo em vários lugares, o envelhecimento de algumas práticas pedagógicas, a arrogância eventual de professores e professoras que num mundo de mudança insistem na tolice de continuarem como era antes, a utilização às vezes de conteúdos que não fazem mais sentido no século XXI.

O apoio ao professor deve proporcionar-lhe um equilíbrio diante de tantas transformações pedagógicas e suas tendências e a manutenção de qualidade de conteúdo que normalmente se desequilibram nas práticas modernas.

Para o professor da atualidade é necessário que a escola ofereça-lhe e o instrua quanto às estratégias pedagógicas que vão das experimentais as práticas tradicionais. Por exemplo: a utilização da internet, vivências concretas, recursos multimídia, produções artísticas, entre outras.

Não se pode em nenhum momento se perder de vistas a criação de fundamentos no ensino fundamental. Isso se restringe em formar com eficiência um aluno com capacidades de leitura e escrita bem desenvolvidos, pensamentos científicos e matemático para o ensino médio.

Esse conjunto de fatores que envolvem a seleção de conteúdos, as atividades que fazem a ligação do cotidiano à forma de ensinar, a execução da metodologia do professor permite aos alunos que concluírem o ensino fundamental estejam bem preparados para enfrentar os desafios do ensino do segmento posterior.

O planejamento docente precisa ter métodos, saber como vai usar e como de modo que leve a eficiência do trabalho. Leva em consideração as individualidades dos alunos como fundamental. Ainda levar em consideração em ensinar aquilo que é de interesse do aluno, ter valia. Faz-se necessário se adequar aquilo que a base curricular traz à realidade do aluno a partir da contextualização. Que é um dos princípios da LDB.

Ter habilidade de ensino e ter a capacidade de desenvolver em outra pessoa a habilidade cognitiva é algo nobre. Quando falamos em docência e ensino representa uma tecnologia. Um professor que domina a didática é um professor habilidoso com alto nível



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

tecnológico de ensino. Essa didática é a relação de meios que o docente utiliza para alcançar os fins almejados.

Do ponto de vista da didática, o professor pode seguir a tendência pedagógica que quiser, mas o que temos que entender é que temos três posturas de identificar no professor: primeiro posso identificar como característica principal nele a coerção, a autoridade e a persuasão. Tomando como início a metodologia tradicional a coerção está ligada a técnica da punição, como por exemplo a avaliação, que é codificada pelo nome de PROVA e não avaliação.

Na perspectiva do professor da atualidade, a avaliação é oportunidade de reconhecer as dificuldades do aluno e tomar conhecimento das dificuldades do aluno para retomar em outra oportunidade.

A autoridade tradicional é aquela em que o professor abusa de seu poder para se sobressair sobre o aluno. O professor com autoridade carismática tem duas vias. É preciso ter equilíbrio com esse tipo, pois nem sempre é bom. Um docente que é visto como muito legal, muito bacana, que não precisa estudar para a avaliação dele porque todos se dão bem, mas que não ensina nada, traz uma visão errônea do ensino. A autoridade carismática pode ser vista como um modelo exemplar, tendo o professor através de seu carisma e afeto trazer o aluno para gostar dele e do que ensina, mas se ele for mal intencionado limita a ação pedagógica e não acontecerá aprendizagem. Como nos informa o sociólogo Max Weber (1991):

O carisma é a grande força revolucionária nas épocas com forte vinculação à tradição [...] O carisma destrói [...] em suas formas de manifestação mais sublimes regra e tradição e inverte todos os conceitos sacrais. Ao invés da piedade em relação àquilo que é, desde sempre, considerado comum, e por isso sacral, ele força a sujeição interna sob aquilo que nunca antes existiu, sob o absolutamente singular, e por isso divino. Nesse sentido puramente empírico e neutro, é, porém, o poder especificamente criativo e revolucionário da história (Weber, 1991.p. 161).

Em relação a autoridade racional legal temos o seguinte parâmetro: aquilo que é subjetivo do professor ele mantém, mas não pode esquecer que existe um sistema legal a ser cumprido. Que é diferente do tradicional onde o professor se vê com o poder nas mãos e não



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

quer ser questionado. Na autoridade legal, o professor reconhece seus direitos e deveres. Ele sabe que além de dá aula, precisa ir além.

Tomando como ponto a persuasão, o professor da educação moderna utiliza bastante a persuasão que vai abranger a dimensão humana da educação empatia, responsabilidade, afetividade, capacidade, habilidade. Quando o professor age com persuasão, o discente reconhece a qualidade do professor porque além de ele domina o conteúdo e interage com a turma fazendo com que ela também participe desse conteúdo, e ainda valoriza as experiências dos seus alunos, é claro que o aluno o aceitará passivamente e aceitará ser guiado por ele.

Atrelado a isso temos as dimensões da competência do professor. Se pensarmos no professor, vemos a forma como professor se desenvolveu ao longo dos anos, uma primeira dimensão é a técnica: aquilo que o professor tem de ensinar. Temos então um processo dialético onde há um conflito de idéias, mas que para tudo há uma solução. Assim, sempre estamos passando por conflitos. O professor que se limita apenas ao técnico está fora da atualidade porque estamos inseridos em um ambiente complexo com informações virtuais, de biotecnologia, onde considera-se as informações do meio contextualizando a todas as dimensões.

O ideal é um professor que possa superar a própria realidade, construindo uma mais complexa ainda. A sociedade carece de um docente que tenha técnica, mas que também saiba interferir e influenciar seus alunos a interferir na realidade e para isso precisa-se de postura. A esse pacote insere-se: um conhecimento plausível dos conteúdos que ministra em sua disciplina, ter boa formação, ter responsabilidade e comprometimento com suas ações, apresentar intenções.

Conclusões

O professor deve fazer uso de referenciais teóricos que possam suprir os conflitos que surgir ao longo da aprendizagem e no cotidiano dos alunos, o que implica dizer que o professor deve considerar as especificidades de cada discente, suas necessidades, seus interesses e expectativas, considerando o discente como um sujeito agente do meio, que interage como mundo e com as pessoas desde o nascimento, portanto, tem muito



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

conhecimento a ser considerado na escola, pois ele se apropria do mundo e faz parte de sua história.

Referencias bibliográficas

FAZENDA, I.C.A . **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro**. São Paulo, escola.Edições Loyola, 1993

FREIRE, P. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

KLEIMAN, Angela B., MORAES, Silvia E. **Leitura e Interdisciplinaridade**. Campinas: Mercado das Letras,1999.

LARROSA e KOHAN. Apresentação da Coleção Educação: Experiência e Sentido. In RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**– cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LÚCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 1994.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Ed. UnB, 1991 (vol. 1)

ZABALA, A. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2003.